



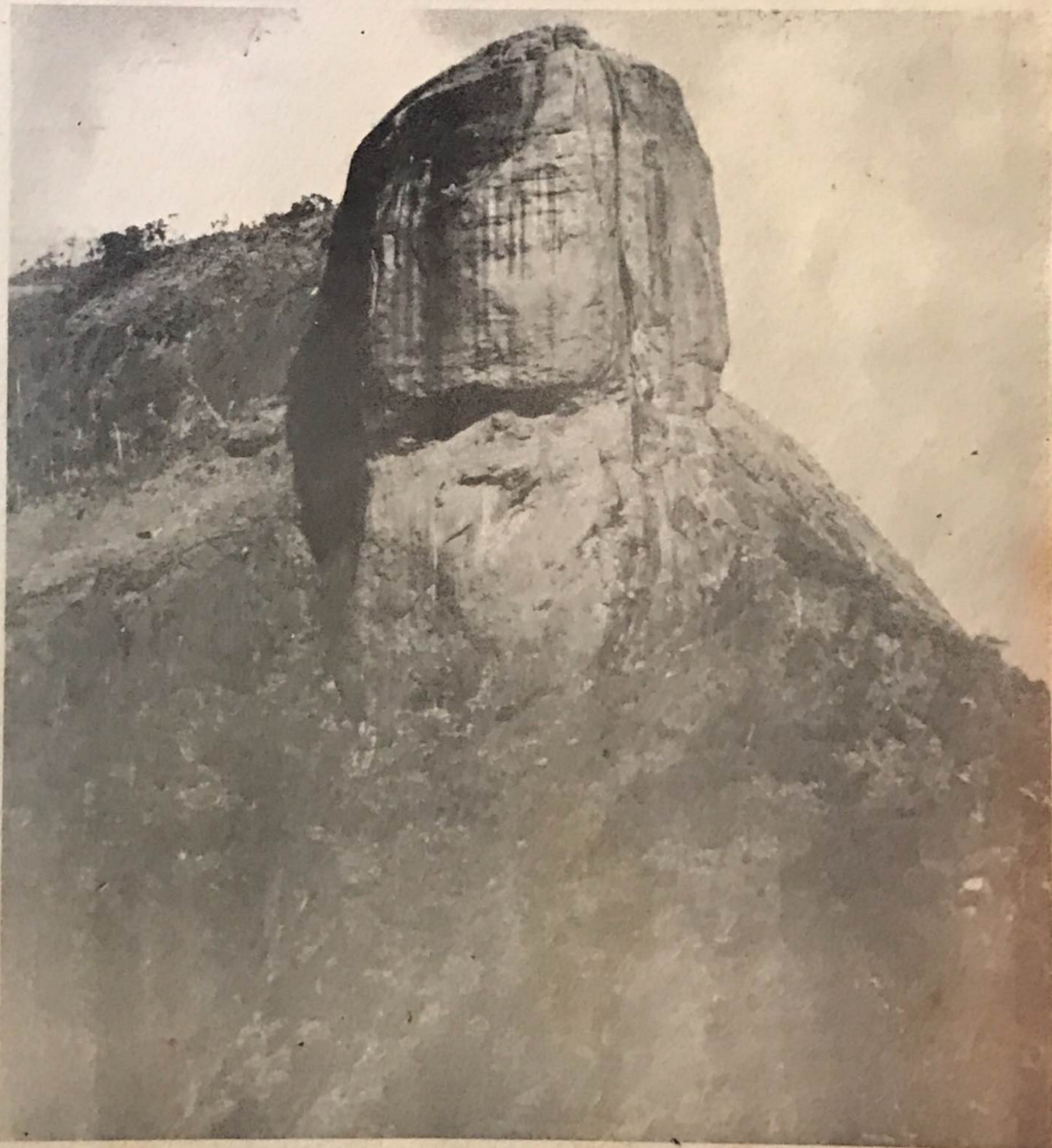
CENTRO EXCURSIONISTA
RIO DE JANEIRO

AV. RIO BRANCO. 277-GR. 805
RIO DE JANEIRO - TEL. 252-9908

ANO XXXVI

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ

Nº 440 - AGO/DEZ 1975



DESTINATÁRIO



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

(MEMBRO FUNDADOR DA FEDERAÇÃO
CARIOCA DE MONTANHISMO)

FUNDADO EM 20 DE JANEIRO DE 1939

SEDE PRÓPRIA:

AV. RIO BRANCO, 277 - GR. 805
ZC-39 - CEP 20 000
RIO DE JANEIRO - 08
BRASIL — TEL.: 252-99 08

EXPEDIENTE: 3ª e 6ª
FEIRA DESDE AS 19:00 h

RECONHECIDO DE UTILIDA-
DE PÚBLICA PELO DECRE-
TO LEI E/640 DE 17 DE
NOVEMBRO DE 1964 DA
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DA GUANABARA.

DIRETORIA DO CERJ

PRESIDENTE

PAULO O. BOAVENTURA NETTO

VICE-PRESIDENTE

CARLOS RUSSO

SECRETÁRIO

RENATO PAPPONE

1º TESOUREIRO

BRENDA FERNANDES

2º TESOUREIRO

VIRGÍLIO AUGUSTO DE CARVALHO

DIR. PROPAGANDA

WALTER CHAVARRY VELLOSO

DIR. SOCIAL

CÉLIA SCHIAVO NETTO

DIR. TÉCNICO

CARLOS BERNARDO

BOLETIM INFORMATIVO
OFICIAL DE PROPRIEDADE
DESTA ASSOCIAÇÃO

BOLETIM INFORMATIVO DO CERJ - Nº 440 - AGO/DEZ. 75

Índice

MARIZEL	2
RECEITA PARA UM CLUBE	3
A VIDA DAS ROSAS	6
COMUNICAÇÃO	7
CARTA AO GUIA X	8
AVISOS	8
CONQUISTAS DO CERJ	9
BALANCETES	10
TUDO AZUL SOBRE UMA PEDRA	11
CADA ESTADO TEM SUA ESTRELA	14
VICE E VERSA	16

Capa: PEDRA DA GÁVEA

MARIZEL

Marizel, perdoe-nos por usarmos da palavra impressa, depois de tantas que foram escritas - mas estas páginas são suas e não nos conformamos em deixá-las em branco, como se nada tivesse acontecido.

Queremos dizer, Marizel, que o símbolo do CERJ está agora marcado pela tristeza.

Porque um pouco de cada um de nós ficou com você, Marizel, lá em cima, suspenso entre o céu e a pedra. Mas queremos também dizer que algo de bom nos restou - porque um pouco de você ficou em cada um de nós, e isso nos ajudará a partir ao encontro da nossa alegria perdida.

Da alegria de menina risonha que conhecemos, e a quem não podemos, não queremos, dizer adeus.

Porque, Marizel, você estará sempre presente entre nós. Sempre presente, na lembrança dos seus muitos amigos.

RECEITA PARA UM CLUBE

Fundar um clube, é relativamente fácil: bastam como ingredientes um grupo de pessoas motivadas para uma atividade qualquer de lazer - até mesmo coleções de borboletas - um livro de atas, a eleição da primeira diretoria e a disponibilidade de um local para as reuniões.

Fundar um clube excursionista não é diferente, apenas o número de interessados - interessados bastante para desejarem constituir uma associação - pode ser pequeno, e o "know-how" disponível pode se limitar ao exigido por uma caminhada ao Pico da Tijuca, ou se estender aos infinitos detalhes da técnica avançada do alpinismo moderno. Nenhum problema quanto a isso - tudo depende do que visam os fundadores do novo clube.

De qualquer modo, não vamos aqui tratar de técnica; todos sabemos da sua importância, mas o que desejamos é tratar das condicionantes que agem sobre o grupo social denominado "clube". E isso, apenas com base em algumas experiências pessoais: nenhuma pretensão a sociólogo, mesmo amador.

Os estatutos, em geral, dizem que a existência do clube é "por tempo indeterminado": gentileza estatutária que abriga apenas um desejo, o que não é suficiente - é preciso manter e desenvolver o clube, e não é fácil conservar a constância em uma atividade amadorística e não lucrativa, quando diversos outros problemas competem pelo uso das nossas 24 horas diárias.

Tomar decisões, cobrar mensalidades, programar atividades, transmitir conhecimentos, adquirir bens, recrutar sócios - tudo isso deve fazer uma diretoria para manter o clube funcionando e tudo isso pode ser eficientemente transformado em rotina.

Mas, se o clube existe por tempo indeterminado, o mesmo não ocorre com os sócios - ao menos, como sócios, dentro da faixa de tempo que nos interessa - e se observa então que os "veteranos" - os que continuam em atividade - tendem a absorver o trabalho e as decisões relacionados com o funcionamento do clube. Ao desejo de colaborar e de manter-se alia, é claro, a satisfação do ego que traz o "status" de pessoa importante naquele meio social.

Então se inicia uma fase perigosa: a da "panelinha dirigente": de acordo com as personalidades de seus membros, o clube pode ir muito bem - mas sem futuro, a menos que a "panelinha" tenha consciência da necessidade de preparar seus sucessores - ou então pode ir muito mal, se esse preparo não ocorre e os sócios novos começam a se sentir tratados como crianças irresponsáveis, em cujas mãos aquela entidade "perfeita" nunca funcionaria. A essa altura, o indispensável lubrificante social que é a cortesia é em geral deixado de lado e as brigas se sucedem, em geral com o lado mais fraco - o sócio mais novo - deixando o clube. Ou se pode ficar no meio termo - não há brigas, mas os desejos de participação e de mudança não são satisfeitos, e o resultado é o mesmo, apenas mais indolor.

Muitas coisas podem acontecer: pode haver mais de uma "panelinha" e teremos então vários "clubes" funcionando em paralelo, unidos no máximo pelos registros oficiais e pelas facilidades da sede: afinal é mais fácil frequentar a mesma velha sede do que arranjar outra para um novo clube.

Como existem diversos clubes, pode haver também uma migração e o equilíbrio se restabelece, cada um ficando no ambiente que mais lhe agrada; cabe apenas perguntar que futuro espera pelo clube esvaziado; esvaziado, mas cheio de egos satisfeitos pela afirmação de suas posições e pelo afastamento dos perturbadores de sua paz exclusiva de seu relacionamento em círculo fechado.

Uma diretoria deve, para evitar isso, vencer um obstáculo da maior importância: a maioria das pessoas não deseja participar de maneira contínua em atividades de organização, daí a tendência de se perpetuarem os que aceitam essa participação. E deve ainda sobrepujar o obstáculo da sua própria imagem apagando-se condignamente no momento em que novos dirigentes assumem o encargo. Passar para a oposição, nesse momento, é prejudicial ao clube; ou mesmo declarar apoio e ao mesmo tempo criticar tudo o que difere do que era feito "no seu tempo". Tais atitudes nada mais refletem que a própria insegurança, ou pior, a certeza da falha no trabalho de preparo dos sucessores.

Na base de tudo está uma auto-análise dos motivos reais que levam cada um a defender determinadas posições, ou opiniões, dentro de um clube: até que ponto se está lutando pelo clube, ou por si próprio.

Se se concluiu pela primeira motivação, cabe ainda perguntar se os procedimentos adotados foram corretos: caso contrário, de pouco teriam valido as boas intenções iniciais.

Se a segunda motivação predominou, a única medida decente a ser tomada, ainda, é uma retirada estratégica - mas não pelas mesmas razões do dirigente que sai normalmente - e sim, como ato de contrição pelas invasões que certamente terão sido praticadas contra a personalidade do grupo.

Como consolo, restará a alegria pessoal do auto-sacrifício e o conhecimento de que ele irá contribuir para estender por mais tempo o "prazo indeterminado" expresso nos estatutos. Restará, enfim, a satisfação de se ter agido como um ser humano dotado de sensibilidade - e não como um senhor feudal encastelado nas muralhas da sua "panelinha", a despejar sobre os "invasores" o azeite fervente da agressão pessoal.

Escrevi estas linhas, porque acredito nos princípios nelas expressos - e também porque acredito que eles vem sendo seguidos no CERJ, desde há alguns anos e ao longo de algumas diretorias. Talvez, em alguma gestão futura, seja preciso relembrá-los; espero que isso não seja jamais necessário - mas, em todo caso, uma pequena busca nos arquivos trará de novo à luz, no dia em que for necessária, esta despreziosa receita de um clube - mais esclarecedora do que se deve evitar, do que provida de etapas certas e infalíveis para o sucesso: a receita do CERJ.

Paulo Boaventura Netto.

A VIDA DAS ROSAS

À semelhança de todo o organismo vivo, também as rosas nascem, desenvolvem-se e morrem. É a Botânica que estuda o ciclo evolutivo das plantas. Numa flor completa encontramos o receptáculo, parte do caule que serve de sustentação para as demais partes (verticilos) da flor; o cálice, formado por folhas modificadas, geralmente verdes, que protege a flor antes do crescimento; a corola - conjunto de folhas modificadas, chamadas pétalas, de cores variadas; o androceu, parte masculina da flor, também formado de folhas modificadas, chamadas de estames, possui um pedúnculo (filete) e uma parte dilatada (antera) onde se formam os grãos de pólen; o gineceu, parte feminina da flor, conjunto de folhas modificadas chamadas carpelos, com uma abertura (estigma) que recebe e prende o grão de pólen, um tubo (estilete) e uma parte alargada que abriga os óvulos (ovário). Os gametas masculinos são produzidos nos grãos de pólen e o feminino nos óvulos.

Tanto a estrutura, como a cor e o cheiro da flor são importantes para a polinização (transporte do grão de pólen da antera ao estigma), que pode ser feito pelo vento, por animais e mais raramente pela água. O néctar, substância líquida existente no interior da corola (junto ao pistilo) e que contém fragmentos de pólen é sugado pelos insetos que a levam de flor em flor, intervindo assim na fecundação das flores.

Wilton Torres Ribeiro

CRO - GB - 3502

TRATAMENTO DE CANAIS DENTÁRIOS

RUA MANOEL DE CARVALHO, 16 - S/82 -- TEL. 252-5943 - DIARIAMENTE

COMUNICAÇÃO

A Diretoria do CERJ, em reunião de 13 de janeiro de 1976, tendo examinado os fatos relativos ao sequestro da Srta. Maricelli Dias Paim Cunha, quando de excursão realizada em 9 de janeiro em companhia do Sr. Geraldo Barbosa Pessoa, associado do CERJ e considerando que o Sr. Geraldo Barbosa Pessoa, após o acidente ocorrido na Pedra da Gávea em 15 de novembro de 1975, voltou a efetuar excursão particular, não sendo a isso credenciado e com agravante de se ter feito acompanhar de apenas uma pessoa;

Considerando que, após o referido acidente, foi exaustivamente exposta no CERJ a importância de se evitar esse procedimento;

Considerando os graves prejuízos que resultam para o CERJ e para o excursionismo em geral, pela consecução de tais atitudes e pela divulgação dos fatos a elas ligados;

Resolve:

- a) Aplicar ao Sr. Geraldo Barbosa Pessoa a pena de suspensão por 180 (cento e oitenta) dias a partir da corrente data, com a conseqüente perda dos direitos sociais pelo mesmo período;
- b) Comunicar essa decisão à FMERJ e a seus filiados;
- c) Comunicar ao quadro social do CERJ que a participação em eventuais excursões particulares sob a direção do Sr. Geraldo Barbosa Pessoa será considerada infração grave, nos termos dos Estatutos;
- d) Atrair a atenção dos sócios para a necessidade de serem evitadas excursões particulares, especialmente em condições semelhantes, incorrendo os infratores nas penas previstas nos Estatutos.

Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1976

ASS.: Paulo Oswaldo Boaventura Netto
Presidente

Carlos Bernardo
Diretor Técnico

CARTA ABERTA AO GUIA "X"

Há alguns meses atrás, publicamos um artigo com o título acima e, por uma questão de ética não revelamos a quem era dirigido, pois, pensávamos que sua leitura bastaria para que o "guia" Luis Minchetti reconhecesse seu erro e procurasse ser corrigido.

Foi em vão, o "guia" Minchetti repetiu sua "atuação", recusou-se sumariamente a prestar auxílio quando solicitado, desta vez, no acidente ocorrido com o montanhista José Antonio dos Santos Prata, nas imediações da "Coroa do Frade", local bem conhecido do "guia" Minchetti.

Esperamos que a FMERJ e o CEB, tomem as medidas cabíveis e, que os verdadeiros montanhistas mostrem ao "guia" Minchetti que a solidariedade também faz parte do espírito montanhista.

A Diretoria

AVISOS

MENSALIDADES

Lembramos que muitos associados se encontram em atraso com suas mensalidades. Pedimos a esses que atualizem o mais cedo possível as respectivas mensalidades, pois, essa é praticamente a única fonte de renda do CERJ e, sem essa não podemos efetuar os pagamentos de nossas contas e, também a expedição do boletim.

BIBLIOTECA

A Biblioteca do CERJ, deu início a catalogação de seus livros e revistas.

Pedimos aqueles que caso se encontrem com algumas dessas obras em seu poder, queiram por favor devolvê-las para sua pronta catalogação.

CONQUISTAS DO CERJ

29/08/1965	- CHAMINÉ E.T.G.E.	- (Prateleiras-Itatiaia-RJ)	-29 grau
13/08/1967	- PICO DA SOLIDÃO	- (Serra dos Órgãos - RJ)	-Caminhada
14/08/1967	- PORTAIS DE HÉRCULES-	(Serra dos Órgãos - RJ)	-Caminhada
19/08/1967	- AGULHINHA DO VENTO	-(Serra dos Marins-SP/MG)	- 19 grau
20/08/1967	- PICO PIQUETE	-(Serra dos Marins-SP/MG)	-Caminhada
13/08/1972	- PAREDÃO DA AMIZADE	-(Serra do Mar)	- 49 grau
<hr/>			
29/09/1963	- FACE SUL-DEDO DE DEUS	(Serra dos Órgãos- RJ)	- 49 grau
05/09/1965	- CAMINHO DA ORQUÍDEAS-	(Serra dos Órgãos- RJ)	-Caminhada
25/09/1965	- PAREDÃO VERA REGINA	-(Ir- Menor do Leblon-)	- 49 grau
10/09/1966	- CH. RICARDO CASSIN	-(Mo.S. Pedro-S.Órgãos)	- 39 grau
16/09/1967	- PAR. EMÍLIO COMICI	-(Ir.Menor Jacarepaguã)	- 39 grau
<hr/>			
09/10/1960	- PAREDÃO CARAUTA	- (Ir. Menor do Leblon-RJ)	-Descalada
25/10/1963	- PAREDÃO PARAGUAIO	- (Pedra da Cruz-S.Órgãos)	- 39 grau
18/10/1964	- PAREDÃO DA SAUDADE-	(P. do Retiro-Petrópolis)	-19 grau
17/10/1965	- PAR. LIONEL TERRAY-	(Pedra Bonita - RJ)	39 grau
08/10/1967	- PAREDÃO VERÃO	- (Mo. do Picão - Guaratiba)	-29 grau
27/10/1968	- VARIANTE BOLHA D'ÁGUA-	(Bico do Papagaio-RJ)	-29 grau
24/10/1971	- CHAMINÉ AGUIAR	- (Aguilhas Negras - RJ)	- 29 grau
<hr/>			
15/11/1955	- PAREDÃO ESCOLA	-(Morro da Urca - RJ)	- 29 grau
14/11/1960	- PEDRA DO CHARUTO	-(Caeté - Minas Gerais)	- 19 grau
14/11/1960	- CATEDRAL S.PEDRO	-(Caeté - Minas Gerais)	- 19 grau
14/11/1965	- PAREDÃO VENTANIA	-(Pedra da Gávea - RJ)	- 29 grau
<hr/>			
11/12/1960	- PAR.BADEN POWELL	-(I. Maior do Leblon-RJ)	- 49 grau
01/12/1974	- PAREDÃO VERMELHO	-(Morro da Urca - RJ)	- 29 grau
31/12/1974	- PAREDÃO VERDE	-(Morro da Urca - RJ)	- 19 grau

Importadora Marybeth

Presentes • Novidades • Brinquedos

BREVEMENTE ARTIGOS DE CAMPING

RUA MARQUÊS DE ABRANTES, 38-E — TEL. 285-0598 - FLAMENGO

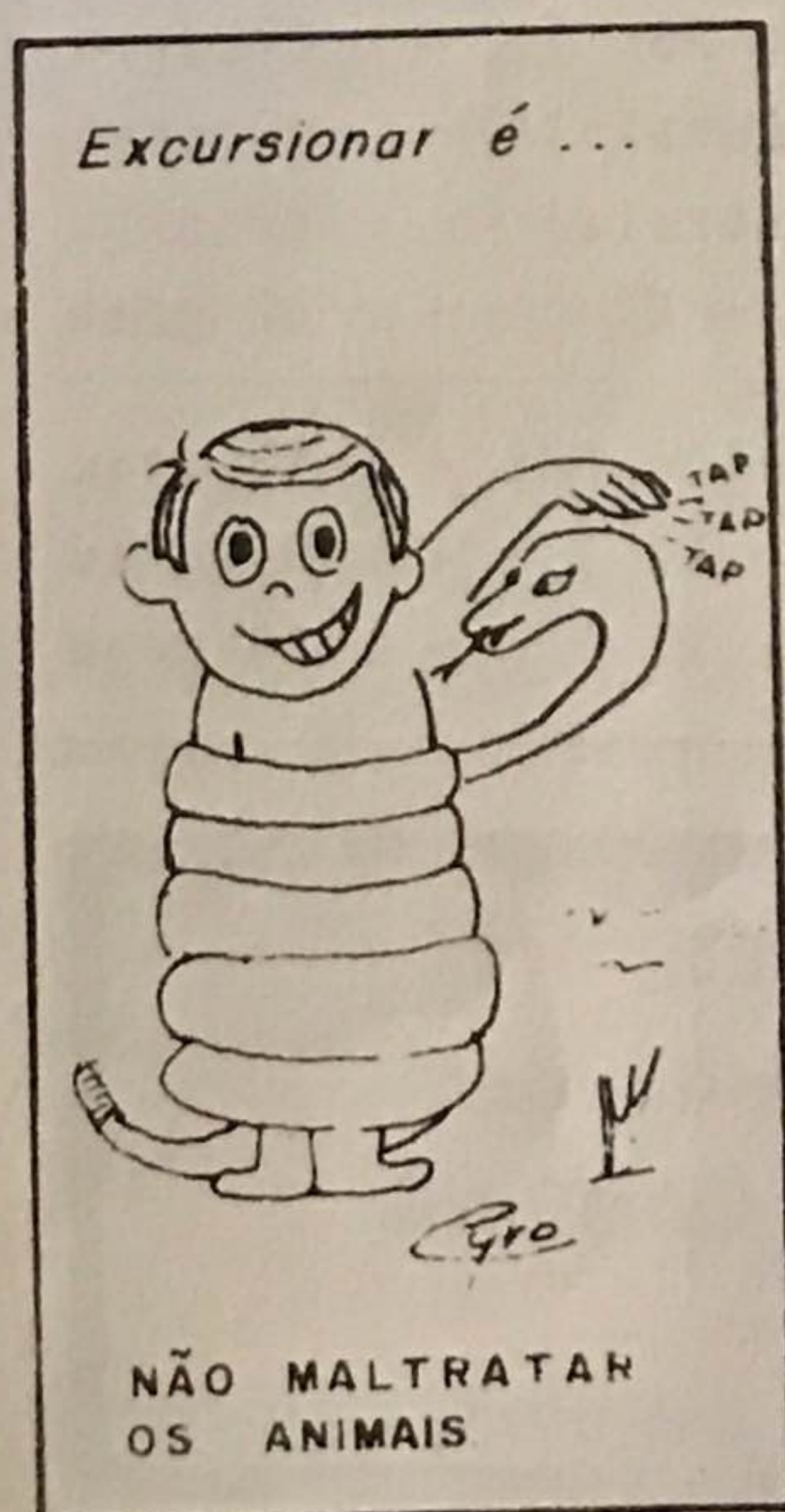
BALANCETES

JUNHO

DEVE		HAVER	
Saldo de maio	1.535,92	Parte 28º Prest. Sede	1.050,00
Campanha sede	1.250,00	Ligação PC Edifício	521,00
Empréstimo	390,00	29º Prest. Sede	1.550,00
Mensalidades	290,00	Telefone	133,20
Jóia e Carteira	50,00	Luz	41,00
Título Sócio Prop.	300,00	Saldo p/ julho	1.098,72
Atividades Técnicas	578,00		
	<u>4.393,92</u>		<u>4.393,92</u>

JULHO

DEVE		HAVER	
Saldo de junho	1.098,72	Telefone	135,00
Campanha Sede	50,00	Parte 30º Prest. Sede	1.000,00
Mensalidades	765,00	Saldo p/ agosto	1.028,72
Jóia e Carteira	50,00		
Atividades Técnicas	200,00		
	<u>2.163,72</u>		<u>2.163,72</u>



CONHECER

O

BRASIL



TUDO AZUL SOBRE UMA PEDRA ...

CLAUDIO LEUZINGER

Levanto vôo. O avião, um pequenino DC-3, torou o rumo do Rio e prepara-se para fazer escala em Governador Valadares. Pela janela eu, inveterado montanhista, fixo a paisagem em busca de montanhas escaláveis. Analiso, aqui e ali, alguns paredões solitários, quando, como por milagre, surgem absolutamente lindas, várias agulhas que sobem, distintas e faceiras, em direção ao céu. Fico maluco. Corro para a cabine de comando e certifico-me do local: é Pedra Azul.

Chego ao rio e caso. Caso e converso com meus companheiros sobre aquela visão de sonho e a vontade fica. Haveria de retornar e subir aqueles monólitos. Pouco depois, animados pelas minhas histórias, foram para lá dois companheiros: Etzel Von Stockert e Luiz Carlos Teixeira da Silva. Voltaram contando que haviam descoberto uma montanha interessante que possuía o nome nativo de Forno de Bolo. Haviam colocado um grampo em sua base.

Os anos passaram e as crianças cresceram. A convivência com a rocha foi se tornando amistosa e simpática. O ímpeto do montanhista jovem foi substituído pela experiência do guia veterano, mas, o sonho de antanho ficou. Pedra Azul era sempre uma realidade distante; um conjunto de pedras que me atraía o marujo que ousava cruzar os reinos de Netuno.

Um dia, finalmente, voltei. Bem, foi na casa do Paulo Boaventura que, em noite de bate-papo gostoso, a idéia surgiu e surgiu de maneira definitiva. Iríamos a Pedra Azul. Eu, Vera, Paulo, Célia, Garrido, Míriam, Marcos e Renata. Logo depois o Bahia comparecer e topou. Tudo acertado. Última semana de julho. Longas demarches no preparo. Míriam e Garrido não poderiam ir. De último momento o Bernardo foi requisitado, obrigado, constrangido, ameaçado literalmente. Foi... Na noite de Sexta-feira a turma durmiu lá em casa. Partimos às quatro horas da manhã de sábado. Os primeiros raios da manhã nos apanharam já em plena estrada. Aquela faixa escura de asfalto materializava um sonho 1.000 km distante. Acolá, que aventuras nos reservaria o futuro?

Hum mil quilômetros de viagem. É um bocado de chão. Vocês nem imaginam. É chão pra burro não empacar. Eis que, entre imensos contornos negros de rocha, perfis distintos contra um céu de estrelas, surge Pedra Azul. Uma preciosa cidadezinha como que nascida dos

contos de Monteiro Lobato. Um povo alegre e comunicativo nos recebeu. Uma comida caseira, bem cuidada, forrou os estômagos ociosos dos forasteiros recém-chegados. Um pequenino hotel de nome quase poético, Laranjeiras, nos recebeu no macio de suas camas de lençóis branquinhos e cheirosos. Finalmente o prefeito nos abriu as portas de seu delicioso burgo e nos deu Pedra Azul. Em volta, uma plêiade de pedras de todos os tamanhos e formas, de todas as alturas e dificuldades, formavam um conjunto formidável, capaz de fazer ferver o sangue nas veias de qualquer escalador. Lá estava Forno de Bolo que, apesar de seu culinário nome, é realmente uma bela montanha. Mais para além, Formosa, Bom Jardim, Cabeça Torta, Pedra Grande e outras. Reconhecimentos e conquistas. Na segunda feira Forno de Bolo é subido. Uma pedra ótima, com agarras fabulosos. Nem um grampo colocado. 320 m de escalada e um grupo contente no cume. Uma grande vitória. Depois, à noite, o churrasco comemorativo. A ida à rinha da cidade onde os galos de Medina e Pedra Azul se degladiavam diante de uma assistência exótica e entusiasmada. A pedido do prefeito, sobe-se a parede da Pedra da Conceição, onde existe instalada a torre da televisão.

Uma festa na cidade com um inesquecível churrasco na fazenda do chefe do executivo local. À noite, os cafezinhos tomados no bar da praça onde, entre um gole e outro, as perguntas dos curiosos são respondias com boa vontade. Finalmente o ataque a Formosa, a montanha mais alta da região. Cai vencida também. Porém, lá do cume uma visão paradisíaca, o caleidoscópico ideal de um escalador; a imagem velha de 10 anos, tantas vezes rejuvenescida pela ambição e pelo sonho do calejado guia.

As saudosas agulhas vistas do avião e que já julgávamos inexistentes, frutos de uma alucinação momentânea. Lá estavam, lindas, invictas, eternamente apontando o céu eternamente azul dessa terra prometida. Loucura generalizada. Meu Deus do Céu, finalmente. Dia seguinte, ida a Jequitinhonha, a procura delas. Bela viagem. Típica cidade de interior nordestino onde, em cada esquina, um personagem vivo de Guimarães Rosa surge à nossa frente. O rio Jequitinhonha segue correndo para o mar sem sequer tomar conhecimento de nossa presença. Mas, e as agulhas? nada, absolutamente nada. À tarde, desconsolados, voltamos pela Rio-Bahia quando, às margens da estrada, um grupo de sacis saltitantes fazem parar o meu carro junto ao acostamento. Não são sacis, são montanhistas que iam no car

ro do Paulo, mais à frente, e que num desvão do relevo marginal da estrada haviam visto as agulhas. Sim, lá estavam elas, esplêndidas, alucinantes. Perto, uma estradinha de fazenda sai em sua direção. Seguimos em seu leito e à noite ainda lutamos com seus buracos.

Nada das agulhas. O dia seguinte será sábado, último dia de nossa estada. Havíamos conquistado duas montanhas e uma parede. Havíamos reconhecido Pedra Grande em sua majestosa virgindade. Havíamos traçado rotas possíveis por suas paredes verticais e por seus tetos gigantes. Havíamos vivido uma aventura maravilhosa mas, à maneira dos antigos sultões orientais que abriam os seus palácios aos viajantes contanto que eles não penetrassem no harém, essa região selvagem nos abriu as suas portas, mostrou-nos de longe as suas odaliscas, sobre às quais lançamos olhares cobiçosos e mal-intencionados. Não conseguimos entrar, porém, nos seus salões proibidos. Nós tentamos e fomos rechaçados. Não desistimos.

Sábado. O último dia. Fomos à feira típica da cidade onde comemos comidas típicas, bebemos bebidas típicas e gastamos dinheiro como qualquer turista típico. O adeus eternamente triste. A partida. Na volta, a vontade irresistível de fazer uma última tentativa. Voltemos ao harém, procuremos as nossas odaliscas e bebamos o néctar que verte deste vale proibido. Outra estradinha e após 17 km de buracos e terríveis mata-burros, chegamos. Magnífica visão. Que estranha sensação provocam no escalador esses monumentos de rocha que tocam o sol, quase infinitos em sua altura. Esses monólitos graníticos surgem aos nossos olhos como finas mulheres, virgens odaliscas, vestais generosas que eternamente nos atraem ao seu frio regaço. Eram sete agulhas, sete resplandescentes montanhas sobre um vale chamado... dos sonhos. Era um sonho, o mesmo sonho que me acompanhou através dos últimos dez anos de vida. Um sonho materializado em verdade, palpitante, terrível, fantástico, sem palavras e sem pensamentos. Depois, o longo retorno de 1.000 km.

Os planos para o ataque, a caderneta de poupança para as primeiras economias da futura expedição.

O Vale dos Sonhos ficou como um desafio. Um desafio ao espírito forte do guia escalador, à sua técnica e a sua vontade. Um desafio que haveremos de vencer. A vontade indomável das cordadas superará a plena vertical das rochas e dormirá em seu cume. Até lá pessoal, até àquele verde vale dos sonhos pois, lhes afirmo de coração, que amanhã, como hoje, estará sempre tudo azul por sobre aquelas pedras.

CADA ESTADO TEM SUA ESTRELA

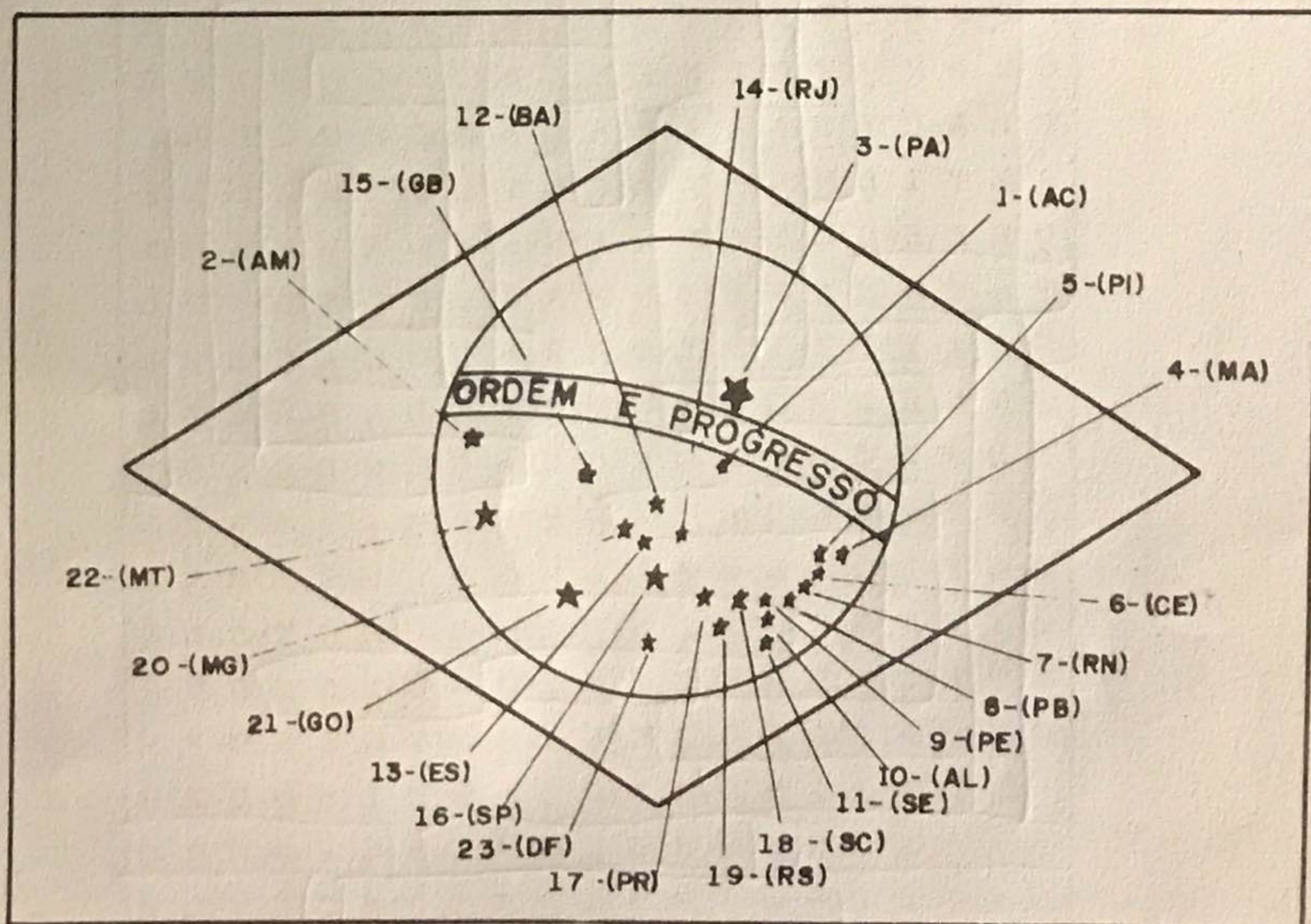
Beta, Delta e Gama são alguns nomes de origem grega dados às estrelas e suas constelações. Na Bandeira Brasileira, são encontradas 23 dessas estrelas, cada uma representando um pedaço do Brasil.

Existe uma explicação para as estrelas dispostas no círculo azul da nossa bandeira. Nesse círculo, está representado o céu da noite de 15 de novembro de 1889 quando se deu a Proclamação da República. As estrelas, na mesma disposição daquela noite, representam os 22 estados brasileiros e o Distrito Federal. Cada estrela recebe um nome e pertence a uma constelação. Pode acontecer que duas ou mais estrelas tenham o mesmo nome mas pertençam a constelações diferentes. É o caso das estrelas Beta: uma, da constelação do triângulo Austral, representando o Estado de Santa Catarina, e a outra, da constelação do Escorpião, representando o Estado do Maranhão.

ESTADOS	ESTRELAS	CONSTELAÇÕES
1.* Acre (AC)	Gama	Hidra Fêmea
2.* Amazonas (AM)	Prócion	Alfa do Cão Menor
3.* Pará (PA)	Espiga	Alfa da Virgem
4.* Maranhão (MA)	Beta	Escorpião
5.* Piauí (PI)	Antares	Alfa do Escorpião
6.* Ceará (CE)	Épsilon	Escorpião
7.* Rio Grande do Norte (RN)	Lambda	Escorpião
8.* Paraíba (PB)	Capa	Escorpião
9.* Pernambuco (PE)	Mu	Escorpião
10.* Alagoas (AL)	Teta	Escorpião
11.* Sergipe (SE)	Iota	Escorpião
12.* Bahia (BA)	Gama	Cruzeiro do Sul
13.* Espírito Santo (ES)	Épsilon	Cruzeiro do Sul

ESTADO	ESTRELAS	CONSTELAÇÕES
14.* Rio de Janeiro (RJ)	Beta	Cruzeiro do Sul
15.* Guanabara (GB)	Alphard	Alfa da Hidra Fêmea
16.* São Paulo (SP)	Alfa	Cruzeiro do Sul
17.* Paraná (PR)	Gama	Triângulo Austral
18.* Santa Catarina (SC)	Beta	Triângulo Austral
19.* Rio Grande do Sul (RS)	Alfa	Triângulo Austral
20.* Minas Gerais (MG)	Delta	Cruzeiro do Sul
21.* Goiás (GO)	Canopo	Alfa de Argos
22.* Mato Grosso (MT)	Sírio	Alfa do Cão Maior
23.* Distrito Federal (DF)	Sigma do Oitante	

No desenho abaixo, cada estado, assim como o Distrito Federal, está representado por um número e pela sua sigla, de acordo com a relação acima. A estrela que representa o Estado do Acre, por exemplo, é indicada pelo número 1 e pela sigla (AC).



VICE-VERSA

Nomes de materiais usados por montanhistas

As palavras estão ocultas no diagrama, sempre em linha reta, nas direções vertical e horizontal (escritas normalmente, de trás para a frente, de baixo para cima ou de cima para baixo). Convém ir riscando as palavras da lista à medida que encontrá-las e é importante circundar a palavra no diagrama, como já fizemos. As letras podem ser usadas mais de uma vez, pois algumas palavras se sobrepõem parcialmente. Note-se, porém, que nem todas as letras são necessárias.

ANORAK	CANECA	ESTRIBO	LAMPIÃO	PIOLET
BARRACA	CANIVETE	FACA	LUVAS	PITON
BÚSSOLA	CANTIL	FARMÁCIA	MANHONE	REDE
BAUDRIER	CAPACETE	FIFFI	MARTELO	STOP-TOUT
BONG-BONG	CORDA	FOGAREIRO	MOCHILA	TALHER
BOTAS	CRAMPONS	GORRO	MOSQUETÃO	TETON
BROCAS	CUNHA	GRAMPO	NUT	
CABO SOLTEIRO	DESCENDEUR	GRIFFE	PALHETA	
CAMA-SACO	ESTICADOR	JUMAR	PANELA	

